

UM OLHAR DE PAIS SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS COM SEUS FILHOS ADOLESCENTES

Maria Aparecida de Araújo Silva ¹
Millena Pereira Araújo ²
Ana Cristina Rabelo Loureiro ³

RESUMO

As práticas educativas e as relações afetivas entre pais e filhos vêm ganhando destaque na contemporaneidade, dada as repercussões no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente. As mudanças históricas, culturais, econômicas e sociais nas últimas décadas, impactaram no surgimento de novos modelos e arranjos familiares, passando a modificar as relações estabelecidas e os papéis desempenhados por pais e mães. O surgimento dessas novas formas de organização parece influenciar nas práticas parentais adotadas pelos pais, valendo-se de estratégias mais democráticas. Porém, parece existir em alguns genitores, a tendência em adotar práticas educativas coercitivas. Nesse sentido, o presente estudo objetiva-se analisar as relações parentais entre pais e filhos adolescentes, sob o ponto de vista do pai. A amostra do estudo é composta por 15 pais de adolescentes, com idade variando entre 40 e 50 anos, residentes na cidade de Campina Grande-PB, com rendimento familiar acima de dois salários mínimos. A coleta de dados se deu através de um questionário sociodemográfico e de uma entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo desenvolvida por Bardin. Diante da análise dos resultados, foi possível evidenciar o uso de práticas educativas coercitivas, assumindo posturas autoritárias, ao mesmo tempo que utiliza de estratégias mais democráticas na relação parental.

Palavras-chave: Relações parentais, Práticas educativas, Pai, Adolescente.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade tem se evidenciado uma conflitante relação entre pais e filhos no ambiente familiar, com destaque para situações de violência que impactam, significativamente, no desenvolvimento e saúde da criança e do adolescente (MONTANDON, 2005). Tendo em vista, a importância da família na construção identitária dos sujeitos, a compreensão das relações estabelecidas e seus impactos no desenvolvimento torna-se um importante aspecto a ser compreendido na relação parental (COSTA, 2009).

É fato que o núcleo familiar vem apresentando modificações significativas em seus arranjos familiares, decorrente das inúmeras mudanças históricas, culturais, econômicas e sociais nas últimas décadas. Tradicionalmente, de concepção heterossexual e culturalmente patriarcal, a hegemonia da família nuclear vem dando espaço às configurações monoparentais,

¹ Graduado pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, m.araujofm@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, millenapereiraah@mail.com;

³ Doutora pelo Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, anacristinaloureiro1@gmail.com.

unipessoais e recompostas, que passaram a modificar as relações familiares e os papéis desempenhados por pais e mães (COSTA, 2009).

Ademais, o surgimento dessas novas formas de organização parece influenciar nas práticas parentais adotadas pelos genitores, valendo-se de estratégias educativas mais democráticas e igualitárias que promovem o diálogo no seio familiar, ao mesmo tempo que, possibilitam maior autonomia para os sujeitos em desenvolvimento (DELATORRE; PATIAS; DIAS, 2015). Contudo, parece existir em alguns genitores, a tendência em adotar práticas educativas coercitivas, reforçando o controle comportamental e utilizando da punição física, xingamento, entre outros, para manutenção do poder na figura dos pais (ALVARENGA; PICCININI, 2009).

Na busca da compreensão destes estilos parentais adotados pelos pais, foram esquematizados, inicialmente, por Baumrind (1996, 1972), três tipos de estilos parentais: o estilo autoritário, caracterizado pela ausência de diálogo, excessiva cobrança e imposições para com os filhos; o estilo permissivo, no qual existe muita afetividade e ausência de limites e o estilo, autoritativo, identificado por uma relação mais democrática que incentiva e valoriza a opinião pessoal dos filhos, constrói uma relação afetiva mais compreensiva e respeita o filho enquanto sujeito.

A partir dos estudos de Baumrind, Maccoby e Martin (1983) propuseram a seguinte tipologia: estilo autoritativo (altos níveis de exigência e responsividade); estilo autoritário (alta exigência e baixa responsividade); estilo indulgente (alta responsividade e baixa exigência) e estilo negligente (baixa responsividade e baixa negligência). Atualmente os estilos parentais são reconhecidos como uma das formas de pesquisa sobre as interações entre pais e filhos, considerando-se suas consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Realizam-se estudos que buscam analisar e correlacionar os efeitos dos estilos parentais nas habilidades sociais, no desempenho escolar, na drogadição, na resiliência, na violência, dos filhos, etc.

Considerando as contribuições teóricas, o presente estudo teve como objetivo analisar as relações parentais, entre pai e filhos adolescentes, do ponto de vista do pai. Para tanto, pretendeu-se caracterizar o conjunto de práticas educativas e de estilos parentais, buscando identificar os modelos de relações parentais adotados pelo pai nas relações com seus filhos adolescentes, considerando os aspectos socioafetivos, além de identificar o que eles fazem quando os filhos não obedecem, os tipos de regras e como elas foram estabelecidas.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, UEPB-CNPq, cota 2019/2020, realizado no período entre agosto de 2019 até agosto de 2020, no curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Campina Grande-PB.

A amostra foi composta por 15 pais com filhos adolescentes, residentes na cidade de Campina Grande, cuja idade variou entre 40 a 50 anos, com renda familiar acima de dois salários mínimos. O critério de escolha justifica-se pelo fato de que o papel do pai tem sido pouco investigado quando comparado aos estudos que tratam sobre o papel materno no processo educativo e no desenvolvimento da criança e do adolescente (LINS et. al, 2015).

Ademais, supõe-se que a faixa etária entre 40 e 50 anos dos pais correspondem à média de idade na qual a maioria possuem filhos na fase da adolescência. Por fim, faz-se necessário esclarecer que a escolha da faixa salarial familiar acima de dois salários mínimos justifica-se pelo fato deste poder representar maior disponibilidade e acessibilidade dos participantes.

Os dados foram coletados a partir de um questionário sociodemográfico, caracterizando os dados socioeconômico dos participantes, como a idade, o estado civil, com quem ele reside, a idade dos filhos, a escolaridade dos pais, o rendimento familiar mensal, entre outros dados. Logo após, utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, contendo perguntas abertas, referentes ao relacionamento social e afetivo entre os pais e filhos, as práticas educativas utilizadas pelos pais adolescentes, a forma como os pais agem quando seus filhos não fazem o que eles pedem, as regras e as formas como foram estabelecidas na relação parental.

Foi realizado um pré-teste com pais voluntários, anteriormente à realização das entrevistas com os pais, e como não foi verificado maiores problemas com o instrumento, seguiu-se com a realização das entrevistas individuais, utilizando-se um gravador em locais e horários determinados em comum acordo entre os pesquisadores e participantes. É válido destacar que as entrevistas aconteceram após assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV).

Conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012, inicialmente, o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob o protocolo CAE de N° 21770719.1.0000.5187 conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012.

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, fundamentando-se no método de análise categorial temática apresentado por Bardin (2009), de acordo com as

seguintes etapas: 1) Pré-análise, consiste na transcrição das entrevistas na íntegra, de forma a construir o corpus da pesquisa e a delimitação dos indicadores; 2) Exploração do material ou codificação, quando foram realizadas leituras do corpus do texto, em busca do agrupamento das falas dos pais; 3) Tratamento dos resultados – que consistiu na identificação das categorias, por meio do agrupamento de respostas que possuíam características comuns, utilizando o processo de quantificação das frequências.

Para esse estudo foi feito um recorte nos dados obtidos na pesquisa com os pais e foram utilizadas as respostas trazidas pelos participantes quando perguntados “Seus filhos costumam escutar o que você fala para eles?”; “Sobre o que seus filhos costumam escutar o que você fala para ele?”; “O que você costuma fazer quando seus filhos não obedecem?”; “Na sua casa tem regras? Se sim, quais regras existem?”; “Como as regras foram estabelecidas?”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dados sociodemográficos

Idade	40 à 52 anos
Estado civil	
- Casados	86,67%
- Divorciados	13,33%
Mora com	
- Esposa e filhos	86,67%
- Filhos	13,33%
Quantidade de filhos	1 até 4
Idade dos filhos	12 até 18 anos
Escolaridade paterna	
- Ensino superior completo	40%
- Ensino médio completo	33,33%
- Ensino superior incompleto	13,33%
- Ensino médio incompleto	6,67%
- Ensino fundamental incompleto	6,67%
Renda familiar mensal	R\$ 3.000 até R\$ 8.000
Ocupação	
- Autônomo	40%
- Professor	13,33%
- Advogado	6,67%
- Fisioterapeuta	6,67%
- Administrador	6,67%
- Vendedor	6,67%

Dados de análise semântica

Diante do questionamento “*Seus filhos costumam escutar o que você fala para eles?*”, foi possível identificar que 80% dos pais trouxeram que **Sim**, enquanto que 20% responderam que **As vezes** os filhos escutam. Dessa forma, perguntamos sobre o que eles escutavam, e com frequência de 38,46%, os pais responderam sobre a categoria **Escola**, seguida da categoria **Regras Domésticas**, com mesma frequência, 38,46%. Por ultimo foi identificada a categoria **Uso do celular**, com frequência de 23,08%, como pode ser exemplificado na Tabela 1.

TABELA 1. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais a pergunta “Sobre o que seus filhos costumam escutar o que você fala para eles?”.

Categorias	f	%
Escola	5	38,46%
Regras domésticas	5	38,46%
Uso do celular	3	23,08%
Total	13	100

Na Tabela 1 é possível evidenciar a participação paterno no processo educativo dos filhos, considerando o tipo de orientação dada sobre a escola (38,46%). Freitas et. al (2009) afirmam que, a partir da década de 60, verifica-se cada vez mais uma modificação no papel paterno diante da educação dos filhos, pois autora a função de educar, cuidar e orientar era de responsabilidade, exclusivamente, feminina. Tal processo está diretamente relacionado à inserção da mulher no mercado de trabalho, provocando, maior atuação do pai no cuidado e educação dos filhos, já que a mãe passa a trabalhar fora e permanece menos tempo no contexto doméstico (SILVA; BUENO; RIBEIRO, 2014).

Os dados indicam que o pai insere em seu cotidiano o diálogo sobre o ambiente escolar e doméstico (38,46%; 38,46%), além de atuar frente às demandas educativas, como o uso do celular. Desse modo, a padronização existente sobre a função paterna, vem sofrendo significativas modificações, o que tem levado, o pai, a refletir sobre seu papel nas relações familiares, o seu lugar no ambiente doméstico e importância do diálogo na relação parental, indo além daquele modelo de pai tradicional, responsável, unicamente, pelo sustento financeiro (FREITAS, et. al, 2009).

Quando perguntados sobre *como os pais agem quando seus filhos não fazem o que eles pedem*, os participantes responderam com maior índice de frequência, 61,77%, a categoria **Coloca de castigo**, seguida da categoria **Conversa**, com frequência de 29,41% e da

categoria **Grita**, 8,82%. Após processo de categorização, as categorias foram agrupadas conforme a Tabela 2.

Tabela 2. Frequência e percentuais as respostas às categorias relativas à pergunta “O que você costuma fazer quando seus filhos não obedecem?”

Categorias	f	%
Coloca de castigo	21	61,77%
Conversa	10	29,41%
Grita	3	8,82%
Total	34	100

A partir dos dados demonstrados na Tabela 2, parece predominar uma tendência em adotar práticas coercitivas corroborando os argumentos utilizados por Patias, Siqueira, Dias (2012), os quais indicam que a compreensão e a utilização das práticas coercitivas enquanto ferramentas educativas, encontra-se, ainda, enraizadas em nossa sociedade. Parece existir uma naturalização de posturas e condutas parentais que reforça o poder dos pais sobre seus filhos e a permanência de relações hierarquicamente desiguais dentro do ambiente familiar, mesmo que atualmente, os genitores se utilizem de diferentes formas de poder para o controle do comportamento.

As práticas educativas, como o uso do castigo e/ou punições acontecem, principalmente, quando os filhos não obedecem ou quando apresentam comportamentos considerados inadequados, sendo necessário o uso de ameaças, punições físicas e retirada de privilégios. No entanto, a decisão por este tipo de prática compromete, significativamente, a saúde e bem-estar dos filhos, além de repercutir no desenvolvimento de aspectos saudáveis de sua personalidade, como autoestima e autonomia (CECCONELLO; ANTONI; KOLLER, 2003).

Por outro lado, pode-se perceber que alguns pais utilizam o diálogo (29,41%) como prática de orientação aos comportamentos dos filhos, prática esta que, diferentemente das condutas coercitivas, torna-se importante fonte de proteção contra o adoecimento psicológico e problemas comportamentais, tais como a agressividade e dificuldades de relacionamento social, problemática bastante presentes no infante-juvenil (PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2012; FREITAS; ALVARENGA, 2016; LINS, et. al, 2015).

Ao serem perguntados se *na casa dos participantes tem regras*, 100% dos pais responderam que **Sim**. Após afirmativa, foi questionado quais regras existiam, e com maior

índice de frequência, 37,25%, os pais relataram a categoria **Estabelecimento de horários e Regras doméstica** com igual frequência, 37,25%, e com menor frequência, a categoria **Valores**, 25,50%, como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3. Frequência e percentuais as respostas às categorias relativas à pergunta “Na sua casa têm regras? Se sim, quais?”

Categorias	f	%
Estabelecimento de horários	19	37,25%
Regras domésticas	19	37,25%
Valores	13	25,50%
Total	51	100

Paracampo e Albuquerque (2005) dialogam que o uso de regras dentro do contexto familiar apresenta-se como uma importante estratégia educativa capaz de elucidar como agir em determinados espaços e contextos. Logo, a decisão dos pais por regras acerca do estabelecimento de horários sobre as tarefas do dia-a-dia e as regras domésticas de cuidado com a casa (37,25%; 37,25%) denotam o que os filhos podem e devem fazer no seu ambiente familiar, enquanto que as regras sobre os Valores (25,50%), apontam como eles podem se comportar socialmente.

Nesse sentido, o comportamento adotado pelo adolescente está intimamente ligado às estratégias educativas utilizadas e ao clima emocional familiar propiciados pelos pais, sendo fundamental compreender como essas regras estão sendo repassadas (HOLDEN, 2010). Segundo Alvarenga, Weber e Bolsoni-Silva (2016), os pais que apresentam práticas mais democráticas e equilibradas promovem maior autonomia e autorregulação comportamental do adolescente, já que os pais conseguem equilibrar os níveis de comportamento afetuoso e responsivo com os de exigência por meio de regras e limites consistentes.

Após afirmativa da existência de regras no seio familiar, foi perguntado *como as regras foram estabelecidas*, de forma que, 57,14% dos pais relataram estabelecer a partir do **Diálogo**, enquanto que 42,86% expuseram a **Imposição** como via de estabelecimento, como pode ser exemplificado na Tabela 4.

TABELA 4. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais a pergunta “Como elas foram estabelecidas?”.

Categorias	f	%
Diálogo		57,14%
Imposição		42,86%
Total		100

Observa-se a partir da Tabela 4, a utilização do diálogo (57,14%) como principal ferramenta para o estabelecimento das regras no contexto intrafamiliar. Esse dado pode vir a indicar relações parentais mais equilibradas entre os pais e seus filhos, além de torna-se um importante recurso educativo que promove a autonomia dos filhos, pois a partir da conversa e da explicação diária é possível que o adolescente tenha conhecimento das consequências de seus comportamentos, levando-o a refletir sobre seus atos nas diferentes situações em que são expostos diariamente (DELATORRE; PATIAS; DIAS, 2015).

Porém, a imposição das regras, ainda, se mostra presente em muitos contextos familiares, como fica evidente na Tabela 4, reforçando a permanência de relações hierarquicamente desiguais dentro do contexto familiar. Essa é uma característica que evidencia o quanto as atitudes paternas, ainda, estão atreladas a posturas mais autoritárias, legitimando o poder dos pais sobre seus filhos, mesmo que na contemporaneidade essas práticas sejam questionadas com frequência (PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração esses aspectos mencionados, é possível inferir que os pais na contemporaneidade utilizam, ainda, de práticas educativas coercitivas e posturas autoritárias na relação parental, decidindo então pelo castigo e por gritar, principalmente, quando seus filhos não obedecem, e pelo uso da imposição no estabelecimento das regras existente, revelando a existência de relações e posições desiguais dentro do ambiente familiar, e de condutas paternas que legitimam o poder dos pais sobre seus filhos.

Ao mesmo tempo, observa-se a existência de estratégias mais democráticas, e a presença de atitudes mais autoritativas, pautadas no diálogo entre pais e filhos, quando o pai relata utilizar do diálogo como principal ferramenta para o estabelecimento das regras e para quando eles não obedecem, mesmo que essa prática não seja tão frequente quanto a utilização do castigo. Essa

postura mais democrática estabelece a importância da comunicação enquanto preditor positivo no processo de desenvolvimento do adolescente, já que este, é um estágio marcado por diversas transformações, que podem ou não, impactar na saúde da prole e nas relações estabelecidas na família.

Por tratar-se de um recorte em um dado espaço de tempo, o estudo possui determinada limitação. Porém, é preciso reconhecer os dados aqui obtidos e a importância para compreensão da relação entre os pais e seus filhos adolescentes. Portanto, a pesquisa contribuiu, demasiadamente, na ampliação do nosso conhecimento teórico e das perspectivas acerca das relações parentais e do campo de atuação da psicologia no desenvolvimento da criança e do adolescente, além de possibilitar o debate e o entendimento das práticas educativas e posturas paternas na vida dos atores envolvidos na relação familiar.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2009.

ALVARENGA, P. A.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v.18, n.1, 4-21, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, 1971.

BAUMRIND, D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. **Child Development**, no37, v4, 1966.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C.; KOLLER, S. H.. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 8, n. esp., p. 45-54, 2003.

COSTA, L. F. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

DELATORRE, M. Z.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e relacionamento entre pais e filhas adolescentes grávidas e não-grávidas. **Rev. bras. crescimento desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 141-150, 2015.

FREITAS, W.M.F.; et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev Saúde Pública**. v. 43, n.1, p.85-90, 2009.

FREITAS, L. M. A.; ALVARENGA, P. Interação pai-criança e problemas externalizantes na infância. **Psico: Porto Alegre**, v. 47, n.4, p. 279-287, 2016.

HOLDEN, G. W. Parenting: a dynamic perspective. **Sage Publications**. Thousand Oaks, p.558, 2010.

LINS, Z M. B.; SALOMÃO, N. M. R.; LINS, S. L. B.; FÉRES-CARNEIRO, T.; EBEHARDT, A. C. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, v.16, n. 1, 2015.

MACCOBY, E. F.; MARTIN, J. A. **Socialization in the contexto f the family:parente-child interactive**. New York: Willey, 1983.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 485-507, Maio/Ago. 2005.

PARACAMPO, C. C. P.; ALBUQUERQUE, L. C. de. Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. **Interação em Psicologia**. v.9, n.2, p. 227-237, 2005.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Bater não educa ninguém!Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 981-996, out./dez. 2012.

SILVA, M. R. S., et al. A percepção dos pais frente a seu envolvimento nas atividades com o(s) filho(s). **Revista Gaúcha Enfermagem**, v.15, n.1, 2014.